



João Paulo
Editor de Cultura - e-mail:
jpaulo.cunha@uai.com.br

OLHAR

O vulcão e as viagens

O carioca Machado de Assis não foi além de Minas Gerais em seus 69 anos de vida. O mineiro Carlos Drummond de Andrade não conheceu a Europa. Dois dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos, nem por isso deixaram de viver os problemas de sua época, de intervir nos assuntos de interesse público e menos ainda de conviver com literaturas de outras nações. Traduziram Proust, Victor Hugo, Leopardi, François Mauriac, Shakespeare, entre outros. O fato de não terem se afastado do país não os impediu de compreender o ser humano em todas as suas mais profundas dimensões. Ficaram, para ir mais longe.

Quando me deparo com levas de turistas que atravessam meio mundo com suas máquinas de registro, guias ilustrados e sapatos confortáveis, quase sempre com pressa demais para não “perder” nada, fico em dúvida com a identificação entre viagens e conhecimento, com o slogan que defende que “turismo é cultura”. Mais do que isso, vem à mente a triste constatação que, na maior parte das viagens, não se trata de nada além de transferência de angústia e vazio existencial de uma região para outra do planeta. Os turistas campeões são ginastas do deslocamento: deixam o que não dominam de todo para se espantar com que não compreendem.

Com a entrada em atividade do vulcão islandês Eyjafjallajökull e a suspensão de voos em parte da Europa, as pessoas devem ter se perguntado se vale mesmo a pena viajar tanto. Em primeiro lugar, houve uma reação de raiva, como se a fumaça ameaçadora fosse um impedimento ao exercício da liberdade de ir e vir. Quase toda a imprensa do mundo foi lago tascando um “caos” aéreo, quando, na verdade, o que se via era uma nova ordem. Caos é negação de cosmos, do princípio ordenador. Se um evento físico colocava em risco os aviões, suspender os voos não é sinal de caos, mas de um novo cosmos: o de aeronaves pousadas para preservar as vidas.

O caos, na realidade, pode se dar caso seja desobedecido o aviso da natureza e se desafie o vulcão sob o argumento, por exemplo, do prejuízo das empresas aéreas. Exemplo desse procedimento pode ser visto na forma como as pessoas acompanham o desenrolar dos fatos, tendo em mente uma temporalidade que se adequa aos negócios. Assim, uma semana parece ser tempo demais para quem toma prejuízo, mas é um átimo de instante no calendário geológico. Testar o risco das aeronaves em função da vontade de retomar a regularidade dos negócios é uma forma de irresponsabilidade ampliada ao extremo. Ai, sim, uma manifestação do caos.

Há alguns anos, no Brasil, com o acidente no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, foi evidenciada a situação de risco de uma pista urbana e pequena. Bastaram poucas semanas para que as pessoas se sentissem novamente seguras para enfrentar os mesmos riscos, como se a lógica de seus interesses e conveniências passasse a ditar as normas de circulação aérea no país. O mesmo se dá, em Belo Horizonte, com a iminência da volta da Pampulha ao circuito de operações de pousos e decolagens de grandes aviões. Para quem não gosta de dualismos, do tipo caos e cosmos, é possível adotar o neologismo de *caosmos*. É nesse espaço que navegamos e é nele que precisamos construir nosso equilíbrio. Às vezes estamos mais para caos, outra para cosmos. O grau de civilidade de um país pode ser medido pela dinâmica dessas variáveis nas decisões que afetam a vida de todos.

ÁRVORE E RIO A simbologia das viagens é antiga. Já no Antigo Testamento somos postos frente aos irmãos Abel e Caim. Um é pastor de rebanhos, o outro é ho-



Vulcão Eyjafjallajökull mudou a paisagem da Islândia e interferiu na vida de todo o continente europeu nas últimas semanas

mem do campo. O primeiro representa os que se movimentam, os animais que pastam, as pessoas que viajam: são sinais de mudança e risco. O outro irmão sintetiza a raça dos que ficam, que fincam raízes, que petrificam e erigem estátuas. Da tribo dos primeiros vem o cosmopolitismo dos nômades, da grei dos segundos o imperialismo nacionalista dos homens ligados à terra. Um é o rio, o outro é a árvore.

Convidados a oferecer a Deus seus portentos, entregam o que têm de melhor, a gordura da carne dos rebanhos ou a baga que saiu das sementes. Não se sabe por que, o Todo-poderoso gostou mais da oferenda de Abel, o que levou o irmão, tomado de inveja, a cometer o fratricídio que deu origem à maldição que até hoje nos rodeia. Caim, que era sinal de fixidez, foi condenado a vagar pelo mundo sem lugar para o qual retornar. A viagem permanente foi sua danação. Erro e errância, o viajante é da raça de Caim. A conclusão, no entanto, é equivocada: se o viajante desagrada ao Deus cristão, carrega nele a impertinência dos seres que não aceitam a dominação. Neste sentido, toda viagem pode ser vista, positivamente, como uma forma de rebeldia.

Muitos séculos depois, um pensador impenitente, Nietzsche, retomou o tema das viagens num escrito, *Dos usos e desvantagens da história para a vida*, em que analisa as diferentes formas de coletar fatos. Para o filósofo, a maneira acadêmica e científica deveria ser colocada em segundo plano, em favor do exercício mais caprichoso de buscar conhecimento com o único propósito de enriquecimento psicológico. O desafio real era viver a existência da forma mais rica possível. Toda instrução, para ele, deveria tonificar a vida e não apenas agregar informações e conceitos. Uma viagem, por exemplo, deveria recompensar com pensamentos, não com fotografias e filmes feitos com telefones celulares. Nietzsche, anticristão radical, via nos deslocamentos

não a danação da pátria perdida para sempre, mas o orgulho de um Caim a inaugurar novas linhagens.

Em outras palavras, há as viagens do sabido e périplos do impensável. A noção comercial de turismo quase sempre substitui o desconhecido por um roteiro de platitudes. O turista é um ser que sabe o que vai encontrar, seu deslocamento é mais seguro que a imobilidade de quem fica em casa. Mesmo os que escolhem destinos pouco convencionais (o que é uma moda recente) o fazem tocados por esse encanto com o mesmo, que é o de ir com volta garantida ao lar e histórias um pouco mais singulares para contar. Os viajantes do risco, os andarilhos nietzschianos, se jogam no mundo assumindo o risco da impossibilidade do retorno. A viagem não é um prazer, é um destino.

O vulcão islandês pode ensinar muita coisa: a respeitar o ritmo da natureza, a mudar a lógica do consumo (não é concebível reclamar de Deus por ter perdido seu fim de semana), a dar importância ao que se faz por perto, a dar às viagens sua real dimensão de necessidade. O vulcão está ensinando a ficar em casa, a entender a angústia do reconhecimento e a ansiedade de superá-la. Ensina que o caos é bagunça e que ordem nem sempre é progresso. Que o caosmos reina absoluto nos negócios humanos.

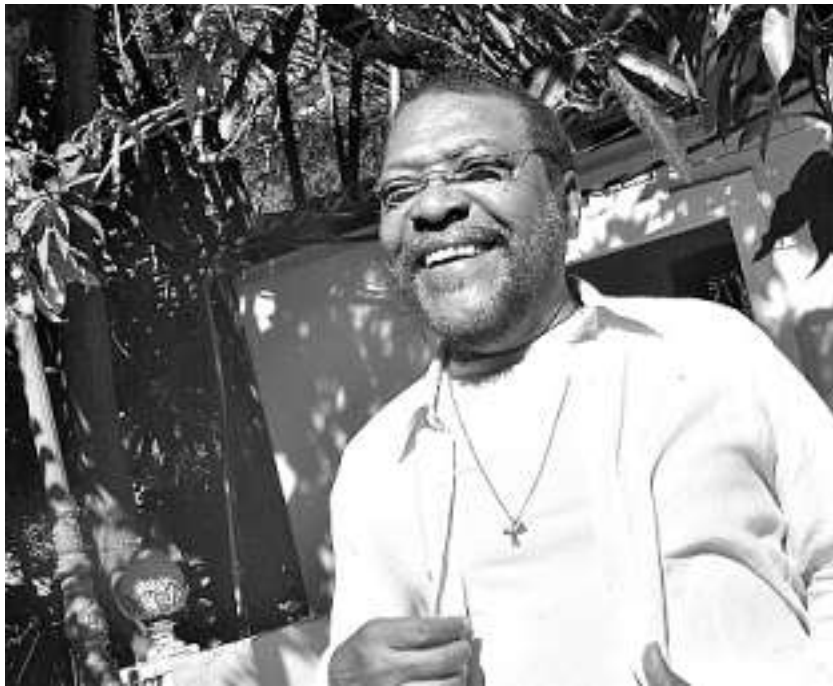
Por fim, pode nos ensinar a ver o que tem sido o grande trabalho destrutivo das viagens. Quem viaja, quase sempre, não vê os detalhes, ocupado demais em cumprir protocolos. Os seis quilômetros de altura da coluna de fumo que toma os ares do Norte da Europa está mostrando que foi preciso agir na escala ampla dos milhares de metros para que os homens reaprendessem a enxergar no limite mínimo dos centímetros. Nossa ambição possível de abarcar o mundo vai de uma mão a outra, tendo os braços abertos, com o coração no meio do caminho.

Preservar a universidade pensante

MÁRCIO-ANDRÉ

Qualquer interessado no assunto sabe que a diferença básica entre os grupos ambientalistas Greenpeace e o Sea Shepherd (organização criada por Paul Watson, em defesa das baleias) está no método de suas atuações. Em poucas palavras, o Sea Shepherd é adepto das ações diretas e agressivas. Em vez de enviar cartas, fazer abaixo-assinados e promover manifestações, ele prefere perseguir baleeiros e atacá-los em alto-mar, com o objetivo de impedir que lancem suas cotas de caça ou, com alguma sorte, inutilizá-los para sempre. Aparentemente, isso tem sido bem eficaz. Em 30 anos de atuação, a organização reclamou para si o abate de 10 baleeiros. Um número e tanto, se levarmos em consideração sua frota de apenas dois navios. Fazendo um paralelo com outro animal em extinção, a universidade pensante, concluímos que, diferentemente do que acabamos comumente aceitando, não é somente com dissertações e teses que é possível fazer a construção do pensamento e do estudo da literatura.

É como uma espécie de Sea Shepherd da poesia que defino um grupo de professores da Universidade de Coimbra, empenhado em criar um dos núcleos mais aguerridos dos estudos literários em território de língua portuguesa. Para nós, brasileiros (e até mesmo para os portugueses), Coimbra soa distante, carrancuda e velha, mas não tenho encontrado outro grupo acadêmico tão pra-



Martinho da Vila é um dos poetas que vão participar de encontro em Portugal

frentex em seus métodos de “estudo”. Sua tática é a da guerrilha cultural, como os próprios poetas e produtores gostam de fazer, recheada, entretanto, da erudição e do rigor, que por vezes faz falta fora da academia. O grupo Oficina de Poesia, encabeçado por Maria Irene Ramalho, Graça Capinha e Adriana Bebiano, é formado pelos pesquisadores que vão atrás dos baleeiros.

Sob os auspícios da Faculdade de Letras e do Centro de Estudos Sociais, o grupo coordena uma série de projetos, donde o mais relevante é certamente o Encontro Internacional de Poetas, que acontece a cada três anos.

Tendo reunido mais de 200 escritores do mundo inteiro ao longo de seus 18 anos, por ele já passaram nomes notáveis como Harold Bloom, Bernard Heidsieck, Haroldo de Campos, Helder Macedo, Ricardo Aleixo, Affonso Romano de Sant’Anna, e o prêmio Nobel Seamus Heaney. Chegando a sua sétima edição em maio, o evento contará com a participação dos mineiros Wilmar Silva e Camilla do Valle, e, num ato de ousadia, surpreende ainda mais ao levar o sambista Martinho da Vila (figura que talvez nem os cariocas considerassem para um evento de poesia).

O grupo é ainda responsável por

outras frentes de combate: edita uma revista, organiza edições bilingues sobre literatura e pensamento, fornece material a publicações internacionais, incentiva traduções, coordena uma residência para escritores em Monsanto e promove outras pequenas iniciativas entre palestras, performances, conferências, além, claro, das oficinas semanais, em que professores e alunos trocam experiências em pé de igualdade.

SEM ESTARDALHAÇO Seja em termos de Portugal, que demonstra maior disposição por parte das autarquias locais em realizar eventos literários, ou de Brasil, onde, com o auxílio da iniciativa privada, se promovem megafestivais, o trabalho da Oficina de Poesia mantém-se singular. O Encontro Internacional de Poetas não é amparado por grandes editoras e não tem seu foco nas figuras midiáticas. A cada edição, o encontro reúne 60 poetas de diversos idiomas sem estardalhaço de mídia e com investimentos nada soberbos, vindo de instituições ligadas à universidade. Até aí, o resultado não difere muitos dos encontros de poesia existentes. Mas então vem a parte que torna fundamental o papel da universidade.

Em certo sentido, Brasil e Portugal têm mentalidades próximas, algo provincianas e autocentradas, conhecem pouco o que não é feito por eles e, com isso, tendem a abraçar tudo o que vem de fora como grande novidade, independentemente do que seja. O grupo Oficina de poesia,

por se compor de especialistas em literatura contemporânea, dedica uma curadoria precisa, escolhendo autores nucleares em seus países, midiáticos ou não. Afinal, o encontro não é um festival, por assim dizer, mas o fruto de um rigoroso trabalho de investigação teórica. A verdade é que foi graças ao fato de ter surgido na academia que se criou ali um polo de referência internacional, atraindo a atenção dos poetas mais consagrados do mundo para essa milenar cidade à beira do Mondego.

Essa vocação bélica faz falta à academia de hoje. Seria admirável que mais trabalhos científicos caminhassem de mãos dadas com ações diretas. E quando digo isso penso também na peça-chave dessas instituições: o aluno. Quisera eu, em meus anos de graduação, ter tido acesso a tantas atividades e contato com tantos poetas reconhecidos internacionalmente. Este, afinal, deveria ser o papel da universidade, o de fazer circular o conhecimento e de torná-lo vivo, vibrante. Sempre acreditei que as duas frentes, a da guerrilha e a do pensamento, são forças poderosas e talvez funcionem melhor se combinadas. Como dito pelo professor gente boa do filme *Sociedade dos poetas mortos*: “Isso é uma batalha. Os feridos podem ser nossos corações e almas”. Enfim, há ainda muitos navios a serem abatidos, antes que as baleias sejam finalmente extintas. Fico aliviado com essas raras patrulhas marítimas. Raras, mas eficazes.

Márcio-André é poeta.